

Prof. Thembisa Waetjen | 00:08.308

Bem, gostaria de dar as boas-vindas a todos a este terceiro seminário da nossa nova série de seminários, que é voltado para metodologias e também para pós-graduandos e graduandos seniores. Vejo que há um grande número de alunos de todas essas diferentes categorias aqui, o que é maravilhoso. Tenho o prazer de apresentar a vocês a Dra. Sebabatso Manoeli. A Dra. Manoeli é pesquisadora associada em nosso departamento, mas, obviamente, de forma muito mais impressionante, seu trabalho e vocação são como estrategista de benefícios públicos. Atualmente, ela é diretora executiva sênior da Atlantic Fellows for Racial Equality, com sede na Universidade de Columbia, em Nova York. Portanto, ela, de fato, divide seu tempo entre a África do Sul e os EUA, pelo menos. Em condições normais.

Prof. Thembisa Waetjen | 01:09.555

No que diz respeito ao nosso seminário de hoje, a Dra. Manoeli é doutora em história, história africana pela Universidade de Oxford, e sua pesquisa utiliza uma variedade de métodos, tanto de arquivo quanto de entrevistas orais com veteranos da libertação no Sudão, o que obviamente é um tipo de pesquisa realmente atraente e variado.

Também gostaria de dizer que, do ponto de vista dos estudantes de história e pós-graduandos, acho que a trajetória profissional da Dra. Manoeli é bastante inspiradora, pois mostra, é um testemunho de como o treinamento em história não precisa ser aplicado apenas na academia, mas sim, como no trabalho que ela faz, sua paixão é defender os esforços colaborativos de financiadores do governo, do setor privado e da sociedade civil, e projetos de justiça e defesa pública. Portanto, hoje ela falará sobre os desafios e as recompensas da pesquisa para seu livro *Sudan's Southern Problem, Race, Rhetoric, and International Relations, 1961 to 1991*. Alguns de vocês devem se lembrar que ela apresentou essa pesquisa há alguns anos. Portanto, este será um aspecto muito interessante da realização dessa pesquisa. Portanto, vou desligar o vídeo e passar para o senhor, Dr. Manoeli.

Dra. Sebabatso Manoeli | 02:47.726

Muito obrigado, Thembisa, por me convidar, por me receber hoje e por essa introdução tão generosa. Estou entusiasmado com a oportunidade de falar com todos vocês sobre minha pesquisa e meu trabalho voltado para os problemas do sul do Sudão, como mencionou Tembisa. Tenho uma apresentação em PowerPoint aqui, Geno, Tembisa, vocês poderiam acessá-la? ou devo acessá-la do meu lado? Só quero ter certeza de que estou em sintonia. Acho que você pode. Ok, deixe-me saber se isso é grande o suficiente. Vou tentar dividir minha tela em duas. Ela é grande o suficiente?

Prof. Thembisa Waetjen | 03:39.862

Está ótimo, isso é ótimo.

Dra. Sebabatso Manoeli | 03:42.557

Muito bem, fantástico, fantástico. Portanto, o título da palestra de hoje é sobre exércitos e arquivos. Métodos e memórias do trabalho de campo com os veteranos do Exército de Libertação do Povo do Sudão. Thembisa me pediu para iniciar a conversa de hoje com uma pequena apresentação de mim mesmo. Um pouco sobre o porquê.

Para começar, escolhi estudar o Sudão. E, particularmente, como alguém que vem da África do Sul, por que o Sudão me interessaria? Essa pergunta é feita com frequência. Então, talvez eu deva nos levar de volta a alguns anos atrás, há pouco mais de uma década, quando eu era estudante de graduação. Eu me vi gravitando em torno dos Estudos Negros. Eu estava na Amherst College, em uma pequena cidade de Massachusetts. E os estudos negros me pareceram um sopro de ar fresco. Eles ajudaram a teorizar o que eu achava que tinha sido minha experiência na África do Sul até aquele momento. Mas, ao mesmo tempo, eu também estava gravitando em torno da história do Oriente Médio moderno.

E estava particularmente interessada na interseção entre a África e o Oriente Médio. Por isso, decidi ir estudar no Egito por seis meses no meu terceiro ano, mas acabei descobrindo isso. Embora o Egito seja o ponto geográfico de interseção, o ponto literal de interseção entre o Oriente Médio e a África, essa sensação de ser um Nexus não se refletia da mesma forma na identidade das pessoas. Descobri no Egito as lutas pela igualdade racial no Sudão, em parte porque fui muitas vezes confundido com sudanês no Egito, e esse é um ponto de referência para pessoas da minha cor naquela parte do mundo, mas também porque o Egito abrigou centenas de milhares de refugiados do Sudão que estavam encontrando, que estavam buscando refúgio. E um alívio da guerra no país. Assim, quando retornei aos Estados Unidos, desenvolvi um interesse pelas histórias raciais do Saara, do Mediterrâneo e do Oceano Índico.

Sentia que, embora adorasse minha especialização em Estudos Negros, muitas vezes a experiência negra era compreendida pelo ponto de apoio do Oceano Atlântico. E outras histórias de outros encontros raciais fora da supremacia branca não eram tão exploradas. Isso fez com que eu me interessasse pela Mauritânia e pelo Sudão, que têm dinâmicas muito semelhantes. É claro que, para uma dissertação de graduação de cerca de 30.000 palavras, na verdade, dois países são demais para serem analisados dessa forma. Por isso, tive de reduzir um pouco e decidi me concentrar no Sudão. Isso foi, é claro, fortuito, porque por volta de 2010, quando eu estava no último ano da graduação, coincidiu com o referendo no Sudão do Sul, em que os sudaneses do sul estavam decidindo se queriam ou não continuar fazendo parte de um Sudão Unido. Ou se iriam se separar. E assim me relatei com muitos. Sudaneses e sudaneses do sul na diáspora, especialmente nos Estados Unidos, que estavam se preparando para a votação do referendo e conscientizando suas comunidades. Foi um momento político incrivelmente carregado.

E, é claro, como todos sabemos, um ano depois, nasceu um novo Sudão, o Sudão do Sul. Assim, ao longo de minha carreira acadêmica, concentrei-me em diferentes aspectos do Sudão e da história sudanesa. Assim, em minha pesquisa de graduação, analisei uma visão de 200 anos dos conflitos que estavam ocorrendo no Sudão pelo prisma pouco explorado da raça. Até aquele momento, a maioria das análises enfocava a religião e a etnia como as principais falhas no país. Portanto, eu estava querendo entender, durante esse longo período, quais foram os processos de racialização no Sudão até aquele momento. Para o meu mestrado, concentrei-me em uma escola só para meninas em Cartum, no Sudão. E como ela administrou o multiculturalismo no

auge do império, entre as décadas de 1920 e 1960. E ela realmente serviu como um microcosmo para as complexidades da gestão de raça, religião e gênero.

Em um momento complexo, especialmente porque a maioria dos alunos da escola vinha de todos os tipos de origens. E não apenas dos binários do norte e do sul. Eles vinham da Armênia, da Abissínia naquele momento, entre outros lugares. Portanto, era um exemplo curioso de um caldeirão cultural. Mais uma vez, eu estava tentando entender o espaço das identidades dentro de um aspecto do Sudão. Na pesquisa mais recente do meu doutorado, que levou ao meu livro, concentrei-me no período pós-colonial de 1961 a 1991, no qual explorei as narrativas concorrentes de sucessivos governos sudaneses e organizações rebeldes sobre raça e racismo no Sudão para o público internacional. Portanto, essa é realmente uma exploração das relações internacionais, com a raça no centro e a evasão dela. Portanto, esse era o foco aqui.

E isso levou ao livro que o Tembisa mencionou e, resumidamente, o livro argumenta que. Uma parte fundamental da compreensão das guerras civis no Sudão do Sul entre o período que mencionei, de 1961 a 1991, exige entender como elas foram projetadas e imaginadas no exterior, como essas guerras foram imaginadas e projetadas no exterior. E eu estava me baseando no argumento de John Peel de que a narrativa dá poder. Portanto, esse livro realmente se concentrou na criação de narrativas como um local de contestação política. E levou muito a sério os discursos dos rebeldes do sul do Sudão. Mostrou que os governos sudaneses se envolveram com os rebeldes do sul como rivais diplomáticos e, em parte, devido à influência desses discursos no exterior.

E explorou como essas narrativas concorrentes interagiram no exterior em tentativas divergentes de obter legitimidade internacional. Portanto, esses discursos tiveram consequências no exterior. E eles contribuíram para informar a ação diplomática, e o discurso rebelde, em particular, moldou as subjetividades políticas dos refugiados e rebeldes comuns do sul do Sudão e do exílio. Hoje vamos nos concentrar no último. Em geral, uma mistura de métodos de arquivamento e de história oral possibilitou minha reconstrução da história da batalha narrativa do Sudão.

Realizei uma extensa pesquisa de arquivos em 12 arquivos em todo o mundo. Entre eles estão os Arquivos do Sudão em Durham, Reino Unido, a Biblioteca Bill Bryson em Durham, os Arquivos Kamboni em Roma, Itália, o Arquivo da Biblioteca Nacional do Sudão em Cartum, o Instituto de Estudos Africanos e Asiáticos da Universidade de Cartum, os Arquivos e a Biblioteca Nacional da Etiópia, os Arquivos do Ministério da Defesa da Etiópia, o Centro Francês de Estudos Etíopes. Além disso, realizei 21 entrevistas em profundidade com os arquivos do Congresso Nacional Africano de Libertação em Alice, na África do Sul, os Arquivos do Movimento Anti-Apartheid e os arquivos da Biblioteca Bodleian, ambos na Universidade de Oxford, no Reino Unido, bem como as coleções pessoais de Douglas H. Johnson, que é, obviamente, um importante estudioso do Sudão.

Além disso, realizei 21 entrevistas aprofundadas com ex-soldados do SPLA, Exército de Libertação do Povo do Sudão, na Etiópia, em Uganda e no Reino Unido, bem como com membros da comunidade anfitriã em uma região da Etiópia chamada Gambela, onde

ficava o acampamento do SPLA, além de diplomatas sudaneses, ex-diplomatas sudaneses em Cartum, no Sudão. Assim, por meio desse conjunto diversificado de fontes, pude mapear as mudanças na narrativa e nas estratégias diplomáticas dos rebeldes no estado ao longo de três décadas críticas. Por meio de pesquisa em arquivos, encontrei um rico corpus de fontes documentais que iluminaram as interações diplomáticas e discursivas entre rebeldes e governo. Dada a centralidade dos atores do sul como ameaças diplomáticas ao governo sudanês, o livro realmente dá voz a esses atores políticos, especialmente porque eles permanecem marginais nos estudos da história internacional do Sudão.

Meu trabalho, no entanto, não apresenta um relato heroico de nenhum desses protagonistas. Em vez disso, fiz uma leitura de acordo com os arquivos e na contramão deles, baseando-me em Anne Stimpler, ao lidar com o material de propaganda e outros materiais documentais relativos a ambos os atores. Assim, comunicados à imprensa, jornais e outras publicações oficiais dos rebeldes sudaneses do sul do Sudão no exílio e do Estado sudanês serviram como um importante conjunto de recursos para mim. Como o mais importante apoiador externo do Movimento e Exército de Libertação do Povo do Sudão, o SPLA entrou em ação em 1983. Antes disso, havia diferentes tipos de movimentos de libertação que ocupavam o centro do palco. Gostaria de me concentrar no SPLA por vários motivos, inclusive pelo fato de seus membros ainda estarem vivos.

Os outros movimentos não tinham tantos membros sobreviventes de épocas anteriores. E as forças armadas do SPLA, bem como suas contribuições discursivas para a luta, eram excepcionais de uma forma que seus antecessores não eram. Por isso, seu mais importante fator externo. No período de 1983 a 1991, a Etiópia serviu como um local apropriado, um caso por meio do qual esse estudo me permitiu estudar as relações de acolhimento do movimento na década de 1980. Assim, passei pouco mais de três meses na Etiópia, pesquisando a natureza do relacionamento entre o SPLA e a Etiópia. E como os combatentes sudaneses e sul-sudaneses foram recebidos pela sociedade anfitriã. Fiquei com MSF, Médicos Sem Fronteiras, em um campo de refugiados na fronteira do Sudão do Sul com a Etiópia, onde visitei um dos principais campos do SPLA em um lugar chamado Itang. E também a cidade vizinha de Gambela. Entrevistar os principais membros da comunidade e autoridades locais sobre as percepções da comunidade anfitriã sobre os guerrilheiros da SPLA durante o período em questão.

Quero me concentrar em um foco específico, um capítulo que explora a relação entre o SPLA e a Etiópia. E também se baseia fortemente em testemunhos orais para averiguar as histórias de exílio do SPLA a partir de baixo. Entendo que esse grupo hoje está mais interessado em histórias orais e suas problemáticas. Portanto, nesse capítulo em particular, eu estava realmente tentando desafiar a visão de que os soldados rasos da SPLA eram desprovidos de ideias e que a nova visão sindicalista que era central para a ideologia da SPLA, essa ideologia, era chamada de Nova Visão do Sudão, e falarei mais sobre isso em breve. Há uma opinião de que essa nova visão sindicalista era meramente a província da elite e, portanto, baseando-se na virada historiográfica para longe da perspectiva da elite.

Perspectivas e políticas de alto nível para a visão das pessoas comuns, sobre a vida comum. Esse capítulo em particular realmente se envolveu com os relatos dos soldados rasos e dos comandantes de nível médio da SPLA. Por isso, realizei entrevistas de história de vida com eles na Etiópia, em Uganda e no Reino Unido. Também incluí relatos de alguns cidadãos de Gambela que viveram a década de 1980. E seus depoimentos ajudam a contextualizar os soldados e os depoimentos do SPLA. Além, é claro, de um conjunto crescente de trabalhos dedicados às experiências dos habitantes de Gambela. Hoje, porém, vamos nos concentrar apenas nos soldados. Antes de nos aprofundarmos no assunto, apenas uma palavra sobre entrevistas. Assim, as histórias orais expõem distorções e preenchem os vazios e silêncios dos arquivos nacionais. É por isso que é muito bom trabalhar com elas.

Tanto os arquivos quanto as histórias orais. Assim, os historiadores africanos, ou historiadores da África, primeiro conceberam a história oral como uma oportunidade de dar voz às pessoas normalmente excluídas dos registros e das narrativas oficiais. Então, meu trabalho? Eu me baseei nessas abordagens e as usei para determinar até que ponto a narrativa oficial da SPLA refletia a realidade vivida pelos soldados comuns. Baseando-me no argumento de John Peel, que cita que as narrativas vividas são moldadas pelas narrativas contadas. Usei histórias orais para obter informações sobre a experiência vivida pelos exilados da SPLA. Exilados, para entender como as narrativas oficiais eram transmitidas aos soldados e para descobrir até que ponto os soldados as adotavam. E compartilhei a posição de Peel, que cito.

Nosso viver e nosso contar narrativas estão profunda e continuamente implicados um com o outro. É fundamental para a reciprocidade, ou melhor, para a reciprocidade dessas relações, a formação da vida por meio de narrativas persuasivas e autoritárias e a representação narrativa da vida". As histórias dos soldados revelam como eles viveram as ideias do movimento. Seus testemunhos aumentam o que sabemos sobre a SPLA a partir da grande quantidade de fontes literárias que ela produziu, bem como da imagem preservada no arquivo. No entanto, os relatos dos soldados não estabelecem a verdade sobre a SPLA no exílio. Eles realmente ilustram as memórias de um punhado de soldados que foram exilados na Etiópia durante esse período. Portanto, eu me envolvi com esses relatos de forma crítica. Mas não com o objetivo de localizar as discrepâncias entre seus relatos e os de fontes objetivas. Uso os dados como um ponto de entrada para a auto imaginação dos soldados como membros do que considero um movimento ideacionalmente rico.

Dessa forma, este capítulo, e talvez esta conversa de hoje, alinha-se com a virada pós-moderna na história oral. Isso vai além de simplesmente determinar a confiabilidade e a utilidade das fontes. Esses relatos foram valiosos justamente por serem subjetivos e revelarem como os soldados, como os combatentes deram sentido à sua luta. Como diz Jocelyn Alexander em uma frase apropriada, *Ethnographic Works of Memory* (Trabalhos etnográficos de memória), a história oral representa um método eficaz para investigar a forma da cultura organizacional e as relações de poder.

Portanto, essas memórias oferecem uma visão das experiências psicossociais e das subjetividades políticas dos combatentes da guerrilha, além de revelar algumas de suas

complexas motivações para entrar e permanecer na luta armada. Portanto, as narrativas pessoais que coletei estavam entrelaçadas com o recente fraticídio dentro do SPLA. Como você sabe, a nova guerra civil de 2013 no Sudão do Sul ocorreu de acordo com os padrões que lembram o passado.

Riek Machar liderou uma facção separatista que causou uma grande cisão dentro da SPLA em 1991 e novamente em 2013. E ele só se reconciliou com o movimento uma década depois, em 2002, quando assinou um acordo que lhe deu o comando das tropas que pertenciam ao seu grupo étnico. A divisão de 1991 levou a uma guerra civil de base étnica no Sudão do Sul. No início dos anos 90, em grande parte entre os apoiadores mais recentes de Riek Machar e os apoiadores Dinka de John Garang. Portanto, a natureza cíclica do conflito era evidente para os soldados com quem conversei, muitos dos quais haviam passado por ambas as versões. Preocupava-me que o momento histórico atual afetasse as lembranças que eles estavam dispostos a compartilhar comigo, portanto, para mitigar isso, pensei em obter uma amostra diversificada de ex-guerrilheiros.

E garantir que eu entrevistasse veteranos e membros da SPLA cujas lealdades fossem diferentes umas das outras no momento político da entrevista. Assim, alguns dos meus entrevistados haviam sido presos recentemente pela atual liderança da SPLA, enquanto outros representavam a atual liderança como ministros de governo e diplomatas, e outros ainda viviam no exílio na África Oriental ou na Europa. Mas eles se dispuseram a falar comigo sobre a década de 1980, pois foi um período que esteve entre os menos carregados da história da SPLA. Portanto, de modo geral, o presente entrou de forma inesperada nas narrativas sobre o passado, mas os soldados tinham maneiras sofisticadas de dar sentido ao passado e distinguir o passado da política atual.

Em última análise, acho que essa complexidade serviu para fortalecer o trabalho, pois fornece uma visão tanto do passado quanto do presente. E, por fim, apenas uma observação rápida: para proteger as identidades dos meus informantes, novamente, devido às sensibilidades envolvidas em falar sobre a SPLA no meio de uma guerra, usei pseudônimos. Portanto, farei uma pausa para dizer que esse era o tipo de contexto que eu queria fornecer sobre mim mesmo, meu relacionamento com o Sudão e a jornada intelectual em que estive e, em seguida, compartilhar um pouco sobre minha abordagem às histórias orais e como acredito que elas podem realmente revelar muito por meio de sua subjetividade. Gostaria apenas de mudar um pouco a marcha e nos dar uma visão, uma janela de como foram essas entrevistas, e quero que vocês ouçam as vozes. Dos próprios soldados. E para ter uma noção de como eu os uni. Assim, em minhas entrevistas, procurei obter narrativas de soldados sobre cinco tópicos diferentes.

Primeiro, eu queria saber como eles foram recrutados, queria entender o formato de seu treinamento, também queria entender o impacto das ideias do movimento sobre eles e como eles incorporaram essas ideias. E, por fim, queria saber o que eles pensam sobre a SPLA. Todos esses anos depois, especialmente após a década de 1980. Ao compartilhar suas narrativas, vocês entenderão meu foco específico em 1983 a 1991 e o que esse período representou. Então, vamos começar com o recrutamento dentro da

SPLA. Anteriormente, apenas um soldado, em suas palavras. Gabriel, que agora é um padre episcopal e pai de cinco filhos, lembra-se de ter sido recrutado por soldados da SPLA que foram enviados para sua cidade natal.

Os soldados primeiro se reuniam com os anciões da comunidade para obter permissão para alistar combatentes, depois os anciões direcionavam os soldados da SPLA para os campos de gado. Onde homens jovens e adolescentes passavam seus dias. Lá, os soldados se dirigiam diretamente aos jovens, incentivando-os a se juntar ao SPLA. Depois disso, Gabriel e seus amigos acharam que uma viagem à Etiópia poderia valer a pena. Para, e cito, “ter uma arma e não lutar de fato no norte”, fecha aspas.

Rindo, como fez muitas vezes ao longo de nossa entrevista, Gabriel afirmou que seus amigos se juntaram ao SPLA por vários motivos, mas todos pareciam se basear em uma certa ignorância sobre os riscos da guerra. E aqui, aqui está uma citação de Gabriel, na qual ele se lembra do soldado da SPLA que fez propaganda do movimento da seguinte forma. Ele disse: "Agora, o Dr. John Garang tem pessoas que vão apoiá-lo e lhe darão uma arma, e se você for, você a terá. Eles estão prontos. Você voltará com ele e o carregará".

Ele riu novamente. Não sabemos o que faremos com uma arma. Gabriel relembrava de forma pungente o fato de saber pouco sobre armas, guerra e política na tenra idade. De 16 anos. Esta é a história de seu recrutamento. Não muito diferente, Wall, que retomou seus estudos em uma universidade britânica em 2014. Depois que a guerra estourou em 1983, o início da guerra em 83 interrompeu seus estudos, ele entrou para a SBA por causa da pressão dos colegas, em sua opinião.

Refletindo sobre seu recrutamento, ele sentiu em retrospecto, cito: "Como jovem naquela idade, naquela época, eu tinha cerca de 19 anos, às vezes você raramente calcula o risco que corre. Era confuso, para ser sincero. Não entendíamos algumas coisas porque, inicialmente, quando saímos de nossas escolas, não tínhamos uma ideia clara do que iríamos passar. E a suposição, a suposição era irracional. A suposição era de que iríamos para lá, passaríamos um ou dois meses, e então toda a questão seria definitivamente resolvida. Depois, você voltaria e continuaria seus estudos. É claro que ele só os pegaria décadas depois.

Esses testemunhos mostram como o processo de recrutamento se beneficiava da inexperiência dos jovens. Jonathan, outro de meus entrevistados, tinha apenas 16 anos de idade quando deixou o Sudão do Sul em 1987 para se juntar ao SBLA. Ele disse que não tinha, cito, nenhuma outra opção. Ele se tornou parte do êxodo em massa de meninos perdidos, muitos dos quais aderiram ao movimento. Portanto, independentemente de seus vários estágios de vida, outros eram profissionais, outros eram jovens. Como os que mencionei agora, todos os meus entrevistados descreveram o campo como um lugar de iluminação.

Todos os entrevistados articularam um esquema dialético semelhante de sua jornada política na SPLA. Esse esquema consistia em uma consciência falsa ou limitada no momento do recrutamento, seguida de uma transformação ideológica no campo.

Todos eles permaneceram na SPLA, em parte porque a visão política apresentada no campo de concentração os tocava. Entre outros motivos. Isso levou ao meu interesse no treinamento político que eles receberam no campo. As histórias que os soldados costumam contar sobre suas transições e seu tempo no exílio geralmente incluem o tropo narrativo da transformação pessoal, como nos filmes de terror.

Em uma coleção de ex-guerrilheiras da guerra da Malásia contra os britânicos, Agnes Khoo relata relatos de 16 mulheres que inicialmente se juntaram à luta por causa da promessa de educação e acesso a um meio de vida melhor, mas que creditam à experiência do exílio o fato de tê-las iluminado ao apresentá-las ao comunismo e às noções de uma irmandade compartilhada da humanidade. Não muito diferente do trabalho de Agnes Ku, o trabalho de Jocelyn Alexander e Joanne McGregor também mostra como as narrativas da zebra-guerrilha descrevem a Guerra de Libertação como uma experiência transformadora para a luta pela liberdade no Zimbábue.

Assim, ao rastrear os processos de recrutamento e as travessias de fronteiras e rios, Alexander e McGregor e seu trabalho ilustram isso. Os combatentes da guerrilha geralmente atribuem suas transformações às experiências de momentos de transição. Da mesma forma, meus próprios entrevistados descreveram suas transformações pessoais como uma iluminação intelectual que veio por meio da exposição às ideias do movimento. Aqui, quero apenas mostrar a importância do treinamento político da SPLA na vida desses soldados.

Portanto, ao entrar para a SPLA, os jovens entraram em uma... Uma organização explicitamente política. A socialização política ocorreu por meio de um treinamento político formal. Acabei de reconstruir o resumo de seus vários relatos. Portanto, o curso de treinamento durava cerca de seis meses, em paralelo ao treinamento militar. Assim, o treinamento político e o treinamento militar aconteciam lado a lado. Professores da Universidade de Adis Abeba. Além disso, intelectuais do sul do Sudão conduziram o treinamento das tropas em inglês e no crioulo do sul do Sudão, que é chamado de árabe de Juba.

Em um contexto ideal, os novos recrutas passariam por um programa de treinamento básico de dois meses. Depois disso, a liderança escolheria os candidatos para participar de um programa de treinamento de oficiais de 12 semanas. Após três meses, os suboficiais e os artilheiros de armas de apoio receberiam mais treinamento especial. Depois disso, eles retornariam ao treinamento geral por mais quatro semanas, com outros de sua unidade para uma sessão de treinamento.

Gostaria apenas de observar aqui que preciso entender isso. Na década de 1980, cerca de meio milhão de sul-sudaneses viviam na Etiópia, na fronteira, a grande maioria dos quais eram soldados da SPMA. Esse era um local concentrado, todo o treinamento ocorria em uma área e, portanto, alguns desses processos podiam ser sistematizados com certa facilidade. Assim, após esses processos, o comandante-chefe, John Gurang, ocasionalmente dava palestras aos trainees sobre a história das injustiças cometidas pelo governo central. No sul, bem como em outras regiões periféricas do norte. E

explicou os motivos da guerra. Ele sempre chamava a atenção deles para o manifesto da SPLA como o credo do movimento.

Aos domingos, as tropas recebiam treinamento e educação política mais geral, principalmente por meio de uma palestra que um comissário político da SPLA dava, começando com a leitura de mensagens do presidente. Se ele não pudesse comparecer pessoalmente, as mensagens eram dirigidas a todas as unidades. O comissário também lia atualizações sobre as próximas missões, bem como sobre as batalhas em andamento em diferentes frentes. Para que os soldados tivessem uma noção do que seus colegas estavam fazendo.

A visão do Novo Sudão realmente desafiou a grande maioria dos sulistas que aderiram ao movimento, independentemente de sua origem. Essa visão era única em sua história, pois trazia a história da rebelião contra o governo sudanês. Essa nova visão do Sudão não sustentava que a liberdade do Sudão do Sul poderia ser encontrada na secessão. Em vez disso, ela enquadrava todo o povo sudanês como necessitando de libertação das elites do centro do Sudão que oprimiam todos eles. Portanto, a visão de libertação era nitidamente sindicalista, em oposição à de seus antecessores separatistas.

Um dos meus entrevistados, Simon, observou que a visão exigia que os soldados de origem de classe média desempenhassem o que ele chamou de função especial. Ele disse que realizava discussões políticas todas as quintas-feiras à noite com os soldados sob seu comando. E Simon observou, e cito: "As pessoas das aldeias vieram com motivos diferentes. E quando estávamos com eles, contávamos a realidade". E ele disse que, como resultado de seus esforços para esclarecer seus companheiros, cito, para a população local, eles também conseguiram entender, fecha aspas. Simon conseguiu isso, em parte, usando as artes. Ele incentivou seus soldados a cantar, e cito, canções revolucionárias. Alguns deles tocavam um violão tradicionalmente usado na música árabe, chamado Rababa, e outros dançavam.

Em outras ocasiões, ele usava a música para citar. Recriar o moral dos soldados, entre aspas, depois de perderem companheiros de batalha, como uma forma de esquecer o passado, entre aspas, sem citar. Isso foi um pouco sobre o formato do treinamento político no campo. Gostaria de chamar nossa atenção agora para o impacto das ideias da SPLA sobre os próprios soldados. Simon. Conta como John Garang explicou a visão para ele e seus colegas. Ele diz: "O conceito do Novo Sudão não foi ideia nossa. Quando chegamos como estudantes, éramos separatistas. Estábamos vindo para a libertação do Sul. Portanto, a primeira coisa que nos tocou ao encontrar o Dr. Garang foi que ele nos disse que não havia necessidade de lutar por um lugar menor. Vamos lutar por um lugar maior. Por que deveríamos fugir de pessoas que estão realmente nos maltratando? Por que deveríamos? Por que não trabalhamos também para chegar ao poder, para ter um Sudão? Então também usamos a constituição contra eles, já que eles são, nós somos, eles são a maioria. Os sulistas eram cerca de um terço da população na época, já que eram a maioria. Nós, uh. Então, usamos a Constituição para mostrar a eles que também somos pessoas e que podemos mover-los, que o país pertence a todos nós."

Wall compartilhou uma narrativa semelhante. A dele era bastante colorida sobre seu melhor amigo. Um, encontro marcante com árabes nas fileiras da SPLA. Ele e ele capturaram um sentimento semelhante. Vocês devem se lembrar de que os sulistas tinham essa fase. Os movimentos de libertação anteriores do Sul eram antagônicos a todos os árabes e nortistas e, portanto, o SPLA estava fazendo algo novo aqui. Wal diz que seu amigo era, mais ou menos, no estágio inicial, um separatista, um separatista sul-sudanês.

“Então, quando chegamos a Bilfam, que é um dos campos da SPLA em Gambela, descobrimos que já havia soldados do norte, soldados da SPLA. Soldados do norte que já eram”, ele ofegou, “soldados da SPLA”. E o que aconteceu com esse homem? Ele chorou e me disse: “Se eu soubesse que os nortistas vieram antes dele, ele não teria aderido ao movimento”. Wall explicou que, com o passar do tempo, e cito esse meu amigo, ele também frequentou algumas das escolas políticas. “E se tornou um sindicalista ferrenho”.

Assim como o amigo de Wall, Jonathan também explicou que, pessoalmente, teve de superar a desconfiança de seus companheiros árabes. Ao perceber, cito, que, no final, eles poderiam gritar o mesmo SPLA, poderiam cantar as mesmas músicas, poderiam carregar a mesma arma que eu estou carregando e também poderiam compartilhar o mesmo comando. Isso significa que eles são SPLA, independentemente de sua cor, até o fim de suas vidas.

E eu vou pular para as consequências. Portanto, a sólida cultura de diversidade do SPLA não sobreviveu. Acho que tudo isso, todos os relatos que provavelmente já ouvimos a respeito desse movimento atestam isso. Apesar da impressão que o exílio teve sobre os soldados individualmente, as mudanças drásticas ocorreram em 1991. A que aludi anteriormente, que incluiu um golpe dentro da SPLA com a separação de Riek Machar, bem como uma mudança de governo. Em vez disso, a derrubada de Mengistu na Etiópia, tudo isso levou à expulsão do SPLA da Etiópia e alterou permanentemente a cultura política do movimento.

Como resultado, os anos dourados do SPLA, como têm sido chamados, terminaram. Nos 14 anos de guerra que se seguiram, o treinamento político do movimento foi aleatório e na ausência de um único local de exílio no qual pudessem treinar todas as suas tropas. Assim, a perda de um espaço de exílio para a maior parte do exército foi, de muitas maneiras, a perda do que considero um laboratório, no qual a liderança do movimento poderia experimentar o multiculturalismo e conduzir um programa político robusto para todos os soldados. Portanto, o SPLA teve que se reconfigurar para sobreviver. Portanto, apenas à luz de todas essas mudanças.

Desde 1991, até o final da segunda guerra civil e até o início da atual guerra civil. Eu estava curioso para saber como esses soldados entendiam todas as mudanças extraordinárias que ocorreram nesse movimento político. Todos os soldados claramente fizeram sacrifícios extraordinários pela SPLA e desenvolveram uma conexão emocional com a organização.

Portanto, gostaria de encerrar com as palavras de George, de 55 anos. Pedi que descrevesse o que o movimento significava para ele. Ele havia passado 30 anos trabalhando na unidade de sinalização do SPLA, onde interceptava as mensagens de rádio do inimigo, e foi expulso pela liderança do movimento após a Terceira Guerra Civil. Quando o conheci, ele havia sido recentemente liberado da detenção do SPLA por supostamente apoiar uma suposta tentativa de golpe em 2013.

Depois de suas experiências recentes, ele refletiu sobre o significado do SPLA da seguinte forma. A citação é um pouco longa, mas vou encerrar com ela. Ele diz:

"Bem, isso se tornou parte de minha vida. Eu acreditava nisso porque, como ser humano, você nasce uma vez, vive uma vez e morre uma vez, e tem uma missão a cumprir. Portanto, tendo entrado para a SPLA no início dos anos 80, senti que deveria cumprir essa missão. Embora não tenha sido bom para mim ou para cada membro da família, para todos no Sul, porque não foi uma tarefa fácil. Foi desgastante. Estava tirando a vida de pessoas. Foi lá que perdi meu irmão, meu irmão mais velho, aquele que eu seguia de minha mãe. Ele foi morto. Ele estava entre os primeiros mártires que foram mortos em 1984. Ele foi morto em Pibor em 26 de junho de 1984. Portanto, não foi um exercício simples. Mas, tendo assumido essa responsabilidade como uma missão, senti que a SPLA é a única coisa que posso ser para realizar meu sonho de libertar a mim mesmo e ao meu povo. Porque não tenho outra opção. Se eu não permanecer nela, se não atingir os objetivos da SPLA, não estarei vivendo como um ser humano. Vocês se lembram que no Sudão havia essa coisa de cidadão de segunda classe. Não contava em algum momento antes da guerra. Portanto, é inútil viver, é inútil se considerar um ser humano. Se alguém olha para você como sendo de terceira classe, você sabe que não pertence à classe dele ou à classe alta, é terrível. A SPLA era como sangue em minhas veias, era assim que eu me sentia. Ela fazia parte de mim e eu fazia parte dela para que eu realizasse o sonho. Isso me convenceu. Porque eu estava completamente convencido de que a única saída para eu ser uma pessoa independente era me apegar aos objetivos e à missão da SPLA."

Para concluir, os soldados da SPLA experimentaram a vida no campo, no exílio. Como um espaço que lhes possibilitou desempenhar novas identidades políticas, absorver novas histórias e novos futuros, bem como habitar subjetividades políticas mais amplas. Gravado em suas memórias como um laboratório no qual o Novo Sudão era praticado na vida cotidiana. Nenhum outro local de exílio oferecia a confluência de recursos, espaciais, políticos, diplomáticos e militaristas que a Etiópia oferecia.

Assim, essas explorações que minhas entrevistas produziram mostraram que a retórica nacionalista do movimento foi realmente adotada pelos guerrilheiros que aderiram. As narrativas que eram compartilhadas externamente se tornaram um mito interno que moldou a cultura organizacional do movimento. Muito obrigado.

Prof. Thembisa Waetjen | 44:18.295

Muito obrigado, Sebabatso. Isso foi absolutamente fascinante. Sei que só temos 15 minutos, mas gostaria muito de incentivar, principalmente os alunos, como prioridade.

A usar o botão de reação para levantar a mão e fazer uma pergunta, ou você pode usar o bate-papo. E fazer uma pergunta. Sim, talvez só para começar, acho que parte do que nos interessa em algumas dessas apresentações é o seu próprio senso de experiência ao conduzir essas entrevistas. Se puder dizer algo sobre alguns dos desafios, ou talvez se colocar nessas entrevistas como uma mulher do sul da África. E como foi isso?

Houve algum desafio que você enfrentou e como o superou?

Sebabatso | 45:20.781

Sim, ótima pergunta. Quero dizer, tentei começar a maioria das explorações com um senso de abundância dentro de mim, portanto, sem esperar receber portas fechadas ou passar por dificuldades. Só acho que, às vezes, podemos nos antecipar aos desafios sendo superprotetores no início. Quero dizer, é claro que eu queria encontrar soldados em locais públicos, em cafeterias, em saguões de hotéis, e isso só para garantir minha própria segurança. Mas eu esperava coisas boas e acho que isso ajudou, apenas em um nível pessoal. E descobri que o efeito bola de neve era realmente confiável. Perguntei a uma pessoa que me levou a outras pessoas e assim por diante. E assim, realmente, essa foi uma ótima maneira de ter acesso a mais e mais pessoas. O trabalho em rede foi importante. Mas acho que os soldados estavam ansiosos para falar comigo porque sentiam que eu era, sabe, uma irmã africana. E a África do Sul tem grande importância na imaginação sudanesa, tanto no norte quanto no sul. O tipo de libertação do apartheid que conseguimos alcançar. Portanto, havia um senso, um senso de solidariedade que eles articularam. Isso é maravilhoso, obrigada. Hum, vejo que a mão da Prudence está levantada. Se quiser tirar o som, vire em seu vídeo e faça uma pergunta.

Prudence | 46:51.061

Olá a todos e obrigado por essa apresentação interessante. Minha pergunta é: você falou que seus informantes são subjetividades políticas, então eu gostaria de saber como você encaixou esse elemento de subjetividade na narrativa oficial? E situado no contexto da política de

Sebabatso | 47:17.132

Sudão do Sul? Obrigado, obrigado, Prudence. Se estou entendendo a pergunta corretamente, é como eu coloquei a entrevista, as entrevistas em conversa com o contexto do Sudão, o contexto político no momento, não é?

Prudence | 47:38.130

Sim, sim, isso está correto.

Sebabatso | 47:40.013

Obrigado, Prudence. Acho que o histórico dos arquivos ajudou muito. É claro que a primeira rodada de pesquisa que você faz é sempre secundária, portanto, é claro que você lê muito, lê por muito tempo. E depois disso, fiz muitas pesquisas em arquivos e tive uma noção das diferentes maneiras como as realidades eram descritas. Portanto, parecia uma abordagem em camadas. E, de fato, nesse capítulo específico, não só falei com soldados que estavam em Gambele na época, mas também com cidadãos de Gambele que se lembram de como era ter esses soldados lá, muitas vezes de maneiras

bem complicadas. Acho que uma de minhas entrevistas foi feita em Anwak, que é o idioma da região. E eu tinha um tradutor de anwak para amárico. Que é o idioma falado na maior parte da Etiópia. E do uárico para o inglês, tive dois tradutores me ajudando com a entrevista de uma pessoa, principalmente porque havia sérios desafios linguísticos. Mas era importante para mim ter uma perspectiva em camadas que incluísse vários pontos de vista, além do governo etíope no arquivo, além do movimento de libertação sudanês, os soldados do SPLA no exílio. Eu queria ter uma noção de todos os pontos de vista.

Sebabatso | 49:04.895

Vejo que Bukhutlu tem uma pergunta. Não sei se você quer fazer a pergunta, Miki, ou gostaria que eu a lesse? Está no bate-papo.

Sebabatso | 49:16.259

Não, por favor, leia para mim. Tudo bem.

Prof. Thembisa Waetjen | 49:20.712

Bukhutlu diz: Eu realmente adorei a apresentação. Gosto do fato de você ter usado arquivos, além de dar às pessoas uma plataforma para contar suas histórias. Minha pergunta é: ao fazer essas entrevistas e encontrar pessoas com histórias tristes, como você lidou com isso? Elas não o afetaram? E você não se sentiu afetado por elas também? Eles não estavam emocionados, eu acho, como o entrevistado que perdeu entes queridos?

Sebabatso | 49:51.336

Oh, que pergunta fantástica, Kutla. Quero dizer, o estudo do Sudão é incrivelmente desolador. Isso é inevitável. E acho que a maioria dos pesquisadores... da região compartilham esse peso da dor ao lado das pessoas que têm a gentileza de compartilhar suas histórias conosco. Portanto, isso é normal. E acho que há um poder em se permitir sentir as coisas. Acho que esse ponto de vista empático confere algo especial ao trabalho em si. E acho que os entrevistados... E as pessoas do país com o qual você está se envolvendo sentem isso e apreciam o senso de solidariedade que isso exemplifica. Nas entrevistas em si, tentei me concentrar, e na pesquisa em geral, tentei me concentrar em perguntas que não necessariamente me levariam ao fundo do poço da tristeza. Dessa forma, muitas vezes eu tentava fazer isso. Sim, é por isso que a década de 1980 foi tão interessante para mim. É um ponto alto em muitos aspectos. Os Anos Dourados, como são chamados. Foi um momento de alegria compartilhada entre mim e os soldados. E eu tentei apenas guardar com ternura as coisas tristes que as pessoas compartilham. E acho que nossas humanidades são um ativo e não um passivo nessas circunstâncias.

Prof. Thembisa Waetjen | 51:34.666

Sim, você está desenhando um tipo de paradoxo que, na minha opinião, é produtivo em muitos aspectos. Não estou vendo outras mãos, vejo que a Prudence está com a mão levantada novamente. Prudence, você pode ir em frente e eu procurarei por outras perguntas também.

Prudence | 51:52.198

Ok, é só uma continuação da pergunta do Bukutlo. Gostaria de saber se você teve algum problema com a memória e, se teve, como superou esse problema?

Sebabatso | 52:05.834

Sim, que boa pergunta. Desafios de memória, os meus próprios? Sim. O que tento fazer é apenas, é claro, levar meu gravador comigo. Mas era importante para mim ter uma ideia dos lugares em que eu estava em cada entrevista. Portanto, antes de começar, eu pegava um bloco de notas e fazia anotações. Sei que já fiz anotações sobre onde eu estava. Então, por exemplo, acho que foi o Gabriel, que sempre dava risada em nossas conversas. E você tem a sensação de que, provavelmente, esse cara é um soldado. Então, ele fez o que os soldados fazem, infligir violência de todas as formas. Mas havia um extraordinário senso de humanidade e vulnerabilidade que ele compartilhava, mesmo apenas em suas interações comigo. Por isso, eu queria capturar essa textura. Assim, poder ter um dispositivo de gravação, bem como as anotações. Uh, anotações foram úteis para mim. Acho que, em relação à memória dos próprios soldados, as pessoas compartilhavam os pontos em que sentiam que a memória estava falhando. Então, tentei colocar isso em contexto novamente. Para mim, a subjetividade deles era mais importante do que a objetividade, e isso foi muito bom. Obter uma noção do significado da experiência para eles, mais do que os detalhes específicos de seus efeitos.

Prof. Thembisa Waetjen | 53:38.662

Bem, deixe-me fazer uma pergunta sobre sua posição atual no seu trabalho atual. Gostaria de saber como você integra essa experiência de pesquisa e de escrever esse livro que você publicou. E o seu trabalho com os Atlantic Fellows. E, talvez, alguns dos outros trabalhos que você faz, divulgação pública, você acha que as habilidades de pesquisa têm uma aplicação em outros aspectos do que você faz em seus outros empregos?

Sebabatso | 54:17.837

Com certeza, Thembisa. Acho que três coisas me vêm à mente. A primeira é o P.H.D. focado na narrativa. Estamos vivendo em uma época em que as narrativas definem as realidades em todos os aspectos, especialmente em questões sociais, questões de justiça social. Portanto, trabalho com desenvolvimento de liderança no espaço da igualdade racial. Assim, o trabalho que realizei com os soldados do SPLA e a luta pela libertação do sul do Sudão em geral me fizeram apreciar o poder da narrativa e da modelagem da realidade, e como, em muitos aspectos, a narrativa é uma arma. E isso molda muito do que, você sabe, como eu entendo o tipo de ferramentas que os atuais líderes da justiça racial podem usar hoje. Também gostaria de mencionar que a visão de multiculturalismo compartilhada pela SPLA é extraordinária. E o tipo de subjetividade política e expansividade que, hum, a visão permitiu que os soldados vivessem foi bastante poderoso. E, mais uma vez, isso faz parte da visão de criação de mundo de todos os projetos de justiça social. Como podemos, como podemos, nas palavras de Audre Lorde, encontrar os padrões de relacionamento como iguais em meio às nossas diferenças? E assim, mais uma vez, eu me fortaleço com os diferentes métodos usados em diferentes momentos. As estratégias usaram os insights dessas

experiências para pensar na elaboração. Sociedades mais inclusivas e justas hoje em dia. E acho que, finalmente, em geral, todas as pesquisas e, especialmente, projetos de pesquisa longos como o trabalho de doutorado. Acho que eles dão às pessoas um senso de, hum, você sabe, habilidades, e não um senso de habilidades que são inestimáveis. O mundo está precisando desesperadamente de pessoas que pensem criticamente, que pensem profundamente e que pensem amplamente. Por isso, acredito no fato de que as habilidades adquiridas com a pesquisa histórica, e talvez com qualquer pesquisa, são aplicáveis no mundo. Em todo o campo, independentemente das áreas de foco específicas, acho que há algo sobre como, além do que é muito poderoso, isso é expressado de forma maravilhosa.

Prof. Thembisa Waetjen | 56:49.286

Estou muito inspirada por isso. Gostaria de saber se você poderia responder a mais uma pergunta de um de nossos pós-graduandos que acabou de concluir seu mestrado, Lungelo, se quiser ir em frente.

Lungelo | 57:11.268

Ok, então você falou sobre, durante sua apresentação, você falou sobre o fato, você mencionou que visitou 12 arquivos diferentes em vários países. E, obviamente, você também usou muita pesquisa oral, na pesquisa. Você também mencionou que sua opinião sobre a história oral é que ela tende a expor distorções e preencher o vazio, certo? Então, eu gostaria de saber se você poderia falar mais sobre como as pessoas que você entrevistou, como elas talvez estivessem representadas nos arquivos, talvez nos Arquivos Nacionais, versus como você passou a vê-las em suas interações e como elas puderam explicar suas motivações para participar do movimento. Portanto, essencialmente, tentando ver como eles foram representados em um deles e como eles conseguiram se representar, e quais são as diferenças entre os dois? Não sei se expressei isso corretamente.

Sebabatso | 58:42.458

Não, foi fantástico. Obrigado, Lungelo. Então, algumas coisas. Quero dizer, acho que o arquivo em geral tende a representar as perspectivas de cima para baixo de, você sabe, grandes nomes, pessoas em altos cargos. Portanto, ele tende a ter uma abordagem um pouco hierárquica da visão de cima. Assim, as histórias orais lhe dão a oportunidade de fazer história de baixo para cima dessa forma. Mas acho que a forma mais marcante de interação entre as duas coisas para mim foi. É como me senti. Em vez de uma correção de uma distorção no arquivo, as entrevistas orais realmente pareceram um aumento. Elas deram cor ao que eu estava vendo no arquivo. Portanto, não vi muitas divergências. Eu entendi o contexto. Conheci a experiência humana. E acho que isso foi muito poderoso. Também encontrei uma peça no arquivo que oferecia uma visão muito bonita de um aspecto da educação política. Que, mais uma vez, os próprios homens talvez não tenham se lembrado de compartilhar comigo. Portanto, acho que há uma maneira pela qual ambos fornecem perspectivas complementares.

Prof. Thembisa Waetjen | 60:01.603

Nesse sentido, sei que você tem que ir embora, por isso é decepcionante ter que terminar agora, mas obrigado. Muito obrigado por se juntar a nós e por compartilhar

sua pesquisa e por nos permitir fazer essas perguntas, também sobre as experiências pessoais de pesquisa. Portanto, obrigado, Dr. Wanwedi, e obrigado a todos por se juntarem a nós, e esperamos vê-los novamente conosco. Fiquem bem. Obrigado

Sebabatso | 60:30.165

Muito obrigado, foi um prazer estar com vocês, tchau.